

**A produção cultural das artes cênicas através da radiografia
da sociedade e da civilização do espetáculo¹**

*The cultural production of performing arts through the radiography
of the society and show civilization*

Suelen GOTARDO²

Resumo

O artigo tem como proposta trazer breves reflexões acerca da produção cultural das artes cênicas na cidade de Porto Alegre sob a ótica do conceito da sociedade do espetáculo trazida pelo autor Guy Debord e da civilização do espetáculo de Mario Vargas Llosa. Na visão dos autores, a compreensão acerca do que se entende como cultura transformou-se da mesma forma em que a sociedade contemporânea se modificou. Desta forma, reflete o tema na perspectiva da espetacularização da cultura e no poder das imagens como propulsoras de padrões, traçando um breve panorama acerca da produção das artes cênicas estreadas nos últimos anos na capital gaúcha, além de uma breve análise sobre a durabilidade das temporadas, indagando sobre as principais causas da queda de plateias ao teatro.

Palavras-chave: Sociedade e Civilização do Espetáculo. Produção Cultural. Artes Cênicas.

Abstract

This article aims to bring brief reflections on the cultural production of the performing arts in the city of Porto Alegre from the perspective of the concept by Guy Debord and Mario Vargas Llosa about the spectacularization of society. In the authors' view, understanding about what is meant as culture has changed in the same way that contemporary society has changed. Thus, it reflects the subject from the perspective of the spectacularization of culture and the power of images as propelling patterns, giving a brief overview about the production of performing arts premiered in recent years in Porto Alegre, as well as a brief analysis on the durability of the seasons, inquiring about the main causes of the fall of audiences to the theater.

Keywords: Society and Civilization of the spectacle. Cultural production. Performing arts.

¹ Trabalho apresentado no XX Congresso de Ciências da Comunicação - Região Sul, em junho de 2019.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS.
E-mail: suegotardo@gmail.com

Introdução

Quando Llosa nos brinda com sua espécie de ‘radiografia’ sobre a cultura na sociedade contemporânea através do livro *Civilização do Espetáculo* e deseja enganar-se, ter escrito equivocadamente, querendo não ter razão sobre seu ponto de vista, mas, ao longo da leitura percebemos o quão coerente é seu ensaio em relação à alguns aspectos da nossa sociedade atual, nos deparamos com a sensação de um grande vazio existencial, mesmo que sob uma ótica um tanto pessimista.

Disposto em curtos ensaios, Llosa apresenta um breve resgate do conceito da cultura, em reflexo à identidade do sujeito, bem como a obra de arte na sociedade atual, além de refletir acerca do comportamento do indivíduo contemporâneo inserido neste constante que é a globalização.

Guy Debord convida o leitor a pensar sobre as influências das imagens e do processo espetacular influenciado pelo capitalismo através de elementos da publicidade, televisão, cinema entre outros. Dividido em 09 capítulos, as teses Debord criticam a realidade que, para o autor, acaba sendo transmitida por meio de imagens. O espetáculo, para Debord (1997) se tornou a falsa realidade.

Desta forma, através da análise de Debord e Llosa, o presente artigo provoca o leitor a refletir sobre a produção cultural das artes cênicas, tanto na formação de plateia quanto estímulo artístico e da economia criativa, produzidas na capital gaúcha desde 2010.

Relembra também o conceito sobre a sociedade do espetáculo atualizada na sociedade atual, atrevendo-se a refletir o desenvolvimento cultural do porto-alegrense em relação a produção teatral, e sua prospecção em relação à cultura, resultando assim em uma breve análise deste campo com o intuito de identificar o espectador contemporâneo, consumidor de teatro.

A sociedade e civilização do espetáculo

Muito mais que um escritor Nobel da Paz, Llosa desconforta seus leitores com uma árdua crítica sobre o que é cultura nos dias de hoje, o que ela se tornou e à quem ela é direcionada. Para Llosa (2017) a cultura se aproxima cada vez mais do

entretenimento ao mesmo tempo que se afasta da reflexão. De acordo com o autor, a sociedade contemporânea vive numa espécie de *civilização do espetáculo*. O conceito já foi abordado pelo escritor francês marxista Guy Debord em meados dos anos 60, através do seu livro *Sociedade do Espetáculo*, abordando a questão da espetacularização. Para Debord (1997, p.13) o “espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação*”.

Partindo da premissa de que vivemos em uma sociedade espetacularizada onde as imagens ditam valores, padrões e poderes, o conceito trazido por Guy Debord parece ser tendência nos dias de hoje. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação.” (Debord, 1997, p.13).

Tal padrão pode ser considerado uma das consequências da influência da internet, onde, a partir dela, o globo terrestre tornou-se um pequeno ponto com diversas ramificações comunicativas, influenciando assim a cultura das sociedades que antes, se encontravam restritas a grupos pré-definidos.

Embora Debord e Llosa retratam abordagens diferentes em seus livros, um focando no poder das imagens enquanto propulsor de padrões e o outro apresenta seu ponto de vista sobre o real significado do termo cultura, trazendo um resgate histórico sobre o tema, ambos os livros possuem um ponto em comum: a alienação. Tanto para Llosa quanto para Debord, a alienação é uma das principais características da sociedade atual, “o que antes era revolucionário virou moda, passatempo, brincadeira, ácido sutil que desnatura o fazer artístico e o transforma em apresentação de teatro Grand Guignol”, explica Llosa (2017, p. 43). O autor critica não só o consumidor da cultura mas as produções culturais e principalmente os intelectuais e artistas diante da postura conformista destes, cujo papel deveria provocar e promover a discussão com a sublime finalidade de alcançar o estado da arte.

O que quer dizer civilização do espetáculo? É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal. Esse ideal de vida é perfeitamente legítimo, sem dúvida. Só um puritano fanático poderia reprovar os membros de uma sociedade que quisessem dar descontração, relaxamento, humor e diversão a vidas geralmente enquadradas em rotinas deprimentes e às vezes imbecilizantes. Mas transformar em valor supremo essa propensão

natural a divertir-se tem consequências inesperadas: banalização da cultura, generalização da frivolidade e, no campo da informação, a proliferação do jornalismo irresponsável da bisbilhotice e do escândalo. (LLOSA, 2017. p.29).

O conceito da sociedade do espetáculo, revisitado por Llosa através do seu livro *Civilização do Espetáculo*, sublinha o entretenimento na atualidade como forma principal das atividades culturais. Para o autor, é raro encontrar aventuras literárias tão ousadas como as de James Joyce, Virginia Woolf, Rilke ou Borges, explica Llosa (2017) na perspectiva das produções literárias. E isso não se deve apenas aos escritores, mas pelo simples fato de que a cultura atual não instiga, pelo contrário, desencoraja. A literatura contemporânea para o autor, não exige do leitor uma concentração intelectual como outrora. Os leitores da pós-modernidade de Maffesoli ou da hipermodernidade de Lipovetsky preferem leituras fáceis, que sirvam de distração e alheamento. A tendência do conformismo encontra-se flutuando sobre a classe intelectual artística e conseqüentemente, sob as produções culturais em suas diferentes esferas.

Essa cultura, diferentemente do que antes tinha esse nome, deixou de ser elitista, erudita e excludente e transformou-se em genuína “cultura de massas”: Em total oposição às vanguardas herméticas e elitistas, a cultura de massas quer oferecer ao público mais amplo possível novidades acessíveis que sirvam de entretenimento à maior quantidade possível de consumidores. Sua intenção é divertir e dar prazer, possibilitar evasão fácil e acessível para todos, sem necessidade de formação alguma, sem referentes culturais concretos e eruditos. O que as indústrias culturais inventam nada mais é que uma cultura transformada em artigos de consumo de massas. (LLOSA, 2017. p.23).

Que não sejamos totalmente pessimistas em relação ao desenvolvimento cultural da sociedade atual, pois de certa forma, os pós-modernos possibilitaram a democratização da cultura, proporcionando assim uma relação horizontal entre obra de arte, público e artista. Maffesoli, em seu livro *Tempo das Tribos* nos explica que, na atualidade, tudo se conecta coletivamente. “O ideal comunitário de bairro ou aldeia age mais por contaminação do imaginário coletivo do que por persuasão de uma razão social” Maffesoli (2000, p. 27). Para o autor, a sociedade contemporânea se relaciona através de grupos unidos por um interesse comum, ou seja, as tribos. Logo, para Maffesoli (2000) as tribos seriam o signo da pós-modernidade.

Partido de um sentimento altruísta, democratizar a cultura possibilitou uma revolução da identidade cultural do indivíduo contemporâneo. Mas as consequências

levantadas por Llosa podem ser apontadas nos diversos campos culturais. Com o rápido desenvolvimento da tecnologia no último século, a comunicação, por exemplo, ultrapassou fronteiras, possibilitando o multiculturalismo, principalmente pela presença do *online* na sociedade contemporânea.

Esta transformação nos mostra uma estética predominante que é o imediatismo e a efemeridade que, em alguns campos, podem ser cruciais, como a área da educação. Se a velocidade exerce uma forte influência em esferas de transformação, o indivíduo não absorve nem explora o conhecimento necessário para desenvolver-se. No campo da cultura esta ação afastou-a de seu conceito primário, de acordo com Llosa (2017, p.11) quando explica que

é provável que nunca na história tenham sido escritos tantos tratados, ensaios, teorias e análises sobre a cultura como em nosso tempo. O fato é ainda mais surpreendente porque a cultura, no sentido tradicionalmente dado a esse vocábulo, está prestes a desaparecer em nossos dias. E talvez já tenha desaparecido, discretamente esvaziada de conteúdo, tendo este sido substituído por outro, que desnatura o conteúdo que ela teve.

O sujeito da pós-modernidade acostumou-se a relacionar-se através de aplicativos de comunicação. Conectado, ele escreve muito, mesmo que em gírias em um universo paralelo online cada vez mais real, isto é, se ainda for possível separá-lo. O telefone hoje, é utilizado muito mais para uso de redes sociais e interações através da escrita do que simplesmente pela função telefonar. Nos últimos anos tal ação está sendo aos poucos substituída por aplicativos de comunicação instantânea, onde os indivíduos preferem a escrita como opção de comunicação. São as mensagens via *whatsapp*, por exemplo. E esta é uma característica da sociedade contemporânea que reverencia o espetáculo e seus atores sociais. Outra tendência já apontada por Debord acerca da sociedade do espetáculo é o poder das imagens. Debord (1997, p.19) explica que “o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico”. Desta forma, percebe-se que nunca houve tanta leitura superficial através da ação imagética como em nosso século. Para refletir, basta lembrar a quantidade de imagens que nos impacta no decorrer de um dia e sua ação enquanto ditadora de padrões, costumes e valores. É a identidade cultural do nosso tempo.

Logo, se cultura expressa, comunica e dialoga com os acontecimentos da atualidade, pode-se dizer então, que as produções culturais se interceptam sob as vértices da comunicação enquanto ciência, pois ambas encontram-se presente em toda prática social humana, sendo necessário assim, um olhar, tanto teórico quanto prático, da produção que a envolve.

A diferença essencial entre a cultura do passado e o entretenimento de hoje é que os produtos daquela época pretendiam transcender o tempo presente, durar, continuar vivos nas gerações futuras, ao passo que os produtos deste são fabricados para serem consumidos no momento e desaparecer, tal como biscoitos ou pipoca. (LLOSA, 2017, p.27).

Cabe destacar também que a cultura do passado, como explica Llosa, tinha como objetivo promover a reflexão e servir de convite à transformação do indivíduo independente do campo de atuação, além de perpetuar por décadas através dos campos culturais como literatura, artes plásticas ou música. Já a cultura da contemporaneidade se mostra precíval e midiática, em constante mudança com o intuito de fortalecimento no presente, sem grandes preocupações com a permanência futura. A ação é percebida também nas plateias dos teatros gaúchos, onde aos poucos percebe-se seu decréscimo, ou seja, nunca houve tantas plateias vazias. Debord (1997, p.26) complementa que “quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo”.

A cultura, por sua vez, passa a agregar tantos conceitos na contemporaneidade, uma vez que, se a cultura é tudo, também já não é mais nada, explica Llosa (2017). O autor também afirma que a cultura na era da globalização é uma grande diversão, porém tal incidência tem um alto preço, o que provoca ao sujeito contemporâneo um distanciamento no qual se enxerga a cultura não enquanto aquilo que integra o homem e a vida, mas sim como um local separado para escapar das servidões da vida.

A cultura pode ser experiência, reflexão, pensamento e uma revisão crítica constante, ao mesmo tempo que profunda em relações às convicções, teorias e crenças. Mas não se pode afastar-se da vida real, da vida verdadeira, da vida vivida, que não é nunca a dos lugares-comuns, do artifício, do sofisma e da brincadeira, sem risco de se desintegrar. (LLOSA, 2017, p.67).

Mas será este o real significado de cultura? Será mesmo possível traduzir na sociedade hoje, cultura como *éthos*, elemento que envolve práticas, hábitos, códigos morais ou costumes? Muitos teóricos dirão que não. Não apenas. Mas é possível englobar o *éthos* com a autocracia de tendências, como, por exemplo, o *Netflix*, o provedor de séries e filmes através de *streaming* e *internet* que incita um padrão diferente de consumir cultura.

A realidade considerada parcialmente reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à parte, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. (DEBORD, 1997, p.14)

Logo, a cultura pode ser entendida por diversos fatores e certamente um dos mais importantes é a influência da era digital. Cresce gradativamente a linguagem das gírias e expressões derivadas da internet que invadem também o mundo real. Atualmente, convivemos com *hashtags*, *online*, *off*, *inbox* entre outras ‘palavras/ações’ como parte do nosso dia a dia. É o sistema de comunicação em constante transformação, ou seja, um novo conceito em formação de identidade cultural.

A identidade de um sujeito se cria então, através da absorção de interesses culturais, sociais, intelectuais e subjetivas, e esse registro geral, ou seja, o RG de cada pessoa é um processo de contínua evolução e o que nos difere.

Embora as diferentes culturas e realidades sociais estejam interligadas e coexistem no mesmo espaço, também há diferenças marcantes relacionadas com a condição econômica de cada uma, explica Llosa (2017). É a cultura como reflexo da identidade do indivíduo. E se o sujeito está em constante transformação, a cultura segue o mesmo caminho.

No teatro gaúcho, por exemplo, percebe-se que as produções que mais lotam as plateias e perduram por mais tempo em cartaz são as comerciais, ou seja, teatro de entretenimento como as peças *Guri de Uruguaiana*, *Pois é Vizinha*, *Jorge da Borracharia* entre outros espetáculos de distração que perduram já há quase dez anos (ou mais) em cartaz. Enquanto, em meio a dificuldade financeira que os grupos e companhias sofrem para montar um espetáculo que leve o espectador a pensar e a refletir sobre seu tempo e seu papel enquanto indivíduo na sociedade, peças comerciais lotam e se destacam nas programações culturais.

Debord (1997, p.17) explica que “o espetáculo se apresenta como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é: o que aparece é bom, o que é bom aparece”.

Logo, percebe-se que, tanto a civilização do espetáculo de Llosa quanto a sociedade do espetáculo de Debord, estão simultaneamente presentes na realidade contemporânea, sendo possível também traçar um paralelo e refletir sobre o tema também no campo das produções culturais das artes cênicas.

A produção cultural das artes cênicas na capital gaúcha

Voltemos para o ano de 2009. Passada um pouco mais das cinco da manhã na Usina do Gasômetro, alguns meses antes do início do Festival Porto Alegre em Cena, a fila da espera para os primeiros ingressos lotava os corredores gelados. Em sua 16ª edição, o festival reunia um vasto público diversificado que aguardava ansioso a programação bem como o ponto de encontro daqueles que tinham o teatro como uma das suas principais atividades de lazer. A produção do festival ainda não disponibilizava a venda online, por isso os melhores lugares eram garantidos presencialmente.

Hoje o público não amanhece mais às margens do Guaíba e as filas homéricas em busca dos espetáculos de Bob Wilson congestionam outro espaço: a rede de *e-commerce* nos primeiros dias de venda. As filas formam-se digitalmente, por um público que também mudou. O Festival continua trazendo um grande público que lota as salas de teatro em Porto Alegre, porém por um público que busca mais distração que conteúdo. Não é o caso de desqualificar a programação atual, longe disso, mas perceber que até mesmo o público dos festivais, como o clássico Porto Alegre em Cena também mudou.

Ocorrem dois festivais anuais na capital gaúcha: O Porto Alegre em Cena e o Palco Giratório. Fora a miríade divulgação de ambos os festivais que atrai um público diverso além da própria classe artística, são estas as únicas estações onde ainda é possível ver movimentação teatral. No resto do ano, a escassa plateia disputa lugar com as poltronas vazias.

Companhias de teatro que se destacam na área estão cada vez mais, produzindo menos. Claro que os incentivos culturais e patrocínio estão mais escassos, atrofiando assim as possibilidades de uma longa lista de produções homéricas de espetáculos. Se

tomarmos por base as principais produções das artes cênicas na cidade de Porto Alegre nos seus últimos anos, é possível apontar diversas características do conceito da civilização do espetáculo de Llosa tanto na obra de arte quanto à identificação do sujeito contemporâneo e consumidor da cultura.

Através de uma breve pesquisa em acervos digitais tais como sites dos próprios teatros, clipagens de jornais e redes sociais, foi possível levantar 85 principais produções teatrais gaúchas desde 2009. São elas: Milkshakespeare; Wonderland e o que M. Jackson encontrou por lá; Clube do fracasso; O animal agonizante; A lição; Cinco tempos para a morte; Sobre saltos de scarpin; Solos Trágicos; Bodas de Sangue; A Mulher sem Pecado; Hotel Fuck - Num dia quente a maionese pode te matar; Mapa; O fantástico circo-teatro de um homem só; Breves entrevistas com homens hediondos; A bilha quebrada; Áulis + Agamenon; Tartufo; O Feio; Incidente em Antares; Os Plagiários; Um Verdadeiro Cowboy; Nossa Vida não vale um Chevrolet; O Linguiceiro da Rua do Arvoredo; Inimigos de Classe; Landell de Moura, o Incrível Padre Inventor; Sr. Kolpert; O Casamento do Grande Mágico Maycon Estalonne; CNPJ – uma comédia totalmente ficcional; Marxismo, Ideologia e Rock'n'roll; Medeia Vozes; Miragem; Natalício Cavallo; Estremeço; A Noite Árabe; A Mulher do Padeiro; Bukowski – História da vida subterrânea; Fassbinder – o pior tirano é o amor; Os homens do triângulo rosa; A vida dele; Viral; Pequenas violências – Silenciosas e cotidianas; Um dia assassinaram a minha memória; A Coisa no Mar; Santo Qorpo ou o louco da província; A vertigem dos animais antes do abate; GPS Gaza; Cadarço de Sapato ou Ninguém Está Acima da Redenção; O Mal Entendido; Qual a Diferença entre o Charme e o Funk?; As Quatro Direções do Céu; No que Você Está Pensando?; Capitão Rodrigo - A Saga de um Homem Comum; O Beijo no Asfalto; Medeamaterial; Língua Mãe.Mameloschn; Moscas; Movimentos Sobre Rodas Paradas; Os dois gêmeos venezianos; Ramal 340 sobre a migração das sardinhas ou porque as pessoas simplesmente vão embora; O casal Palavrakis; Habitantes D'ela; Brechó da Humanidade; Como Gostais; Hotel Rosashock; Caio do Céu; Chapeuzinho Vermelho; Fala do Silêncio; Imobilizados; Prata – Paraíso; Valsa #6; Fala do Silêncio; Prata Paraíso; O que Terá Acontecido a Baby Jane?; Ícaro; Yerma ou Quanto Tempo Leva para Transbordar um Balde; A Fome; A Mulher Arrastada; Arena Selvagem; Das Cinzas Coração; Meierhold; Nós (em Off); Inimigos na Casa de Bonecas; Pequeno

Trabalho para Velhos Palhaços; Remontagem – O nosso amor a gente inventa; Fábrica de Calcinhas.

Quadro 1 – Lista dos principais espetáculos estreados em Porto Alegre desde 2010

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
1	Milkshakepeare	A Mulher sem Pecado	O Feio	CNPJ – uma comédia totalmente ficcional	Bukowski – História da vida subterrânea	Cadarço de Sapato ou Ninguém Está Acima da Redenção	Moscas	Caio do Céu	A Fome
2	Wonderland e o que M. Jackson encontrou por lá	Hotel Fuck - Num dia quente a maionese pode te matar	Incidente em Antares	Marxismo, Ideologia Rock'n'roll	Faxbinder – o pior tirano é o amor	O Mal Entendido	Movimentos Sobre Rodas Paradas	Chapeuzinho Vermelho	A Mulher Arrastada
3	Clube do fracasso	Mapa	Os Plagiários	Medeia Vozes	Os homens do triângulo rosa	Qual a Diferença entre o Charme e o Funk?	Os dois gêmeos venezianos	Fala do Silêncio	Arena Selvagem
4	O animal agonizante	O fantástico circo-teatro de um homem só	Um Verdadeiro Cowboy	Miragem	A vida dele	As Quatro Direções do Céu	Ramal 340 sobre a migração das sardinhas ou porque as pessoas simplesmente vão embora	Imobilizados	Das Cinzas Coração
5	A lição	Breves entrevistas com homens hediondos	Nossa Vida não vale um Chevrolet	Natalicio Cavalo	Viral	No que Você Está Pensando?	O casal Palavrakis	Prata – Paraíso	Meierhold
6	Cinco tempos para a morte	A bilha quebrada	O Linguiceiro da Rua do Arvoredo	Estremevo	Pequenas violências, Silenciosas e cotidianas	Capitão Rodrigo - A Siga de um Homem Comum	HABITANTES D'ELA	Valsa #6, de Nelson Rodrigues	Nós (em Off)
7	Sobre saltos de scarpin	Áulis – Agamenon	Inimigos de Classe	A Noite Árabe	Um dia assassinaram a minha memória	O Beijo no Asfalto	Brechó da Humanidade	Fala do Silêncio	Inimigos na Casa de Boncas
8	Solos Trágicos	Tartufo	Landell de Moura, o Incrível Padre Inventor	A Mulher do Padeiro	A Coisa no Mar	Medeamaterial	Como Gostais	Prata Paraíso	Pequeno Trabalho para Velhos Palhaços.
9	Bodas de Sangue		Sr. Kolpert		Santo Qorpo ou o louco da província	Lingua Mác.Mameloschn	Hotel Rosshock	O que Terá Acontecido a Baby Jane?	Remontagem – O nosso amor a gente inventa
10			O Casamento do Grande Mágico Maycon Estalonne		A vertigem dos animais antes do abate			Ícaro	Fábrica de Calcinhas
11					GPS GAZA			Yerma ou Quanto Tempo Leva para Transbordar um Balde	

Fonte: Produção da autora

Os grupos pesquisados foram: Depósito de Teatro, Cia. Stravaganza, Teatro ao Quadrado, Cia. Rústica, Terreira da Tribo, Grupo Neelic, Teatro Sarcástico, Teatofídico, Projeto Gompa além de espetáculos criados por grupos de artistas reunidos por um trabalho específico, sem vínculo de companhia.

Dos espetáculos mencionados, poucos conseguem ter uma vida duradoura. As produções que conseguem ultrapassar três semanas em cartaz e continuar a temporada por mais de um ano são poucos. Destes 85, pouco mais de 10 ainda podem ser vistos em alguma brecha dos editais municipais. Mas qual seria o motivo para o fracasso das continuidades teatrais?

Através de uma breve pesquisa nas divulgações digitais é possível perceber que os espetáculos vêm perdendo força em relação ao tempo de temporada. As produções de 2018 por exemplo, ficaram somente 02 a 03 semanas em cartaz em teatros municipais. Vale ressaltar que não foi pesquisado venda separada e participação em festivais destes espetáculos, mas sim a temporada em teatros municipais, cujo o aluguel de teatro é infinitamente menor que a de um teatro privado.

A queda em relação ao tempo de temporada se dá por dois principais motivos: o primeiro a dificuldade cada vez mais crescente em conseguir espaços nos teatros

públicos para apresentações de produções locais e conseqüentemente, a diminuição de editais para disputar as poucas vagas; enquanto o segundo motivo é a escassez de público, o que dificulta ainda mais a permanência econômica das produções teatrais. Mas se levarmos em consideração que montagens como, *Pois é Vizinha* e *Guri de Uruguaiana* perduram por mais de anos, é possível notar que as montagens comerciais estão ganhando cada vez mais espaço, em relação a durabilidade de suas temporadas na cena teatral gaúcha.

Atualmente Porto Alegre conta com dois teatros públicos municipais: Teatro Renascença e Sala Álvaro Moreyra, além do Teatro Glênio Peres da Câmara de Vereadores; Já os teatros públicos estaduais são: Teatro de Arena, Bruno Kierfer e Sala Carlos Carvalho. Porém há ainda mais de 30 teatros, sendo eles privados ou administrados por fundações ou entidades.

Há 10 anos atrás a cena teatral gaúcha era diferente. O público frequentador de teatro era maior, as plateias mais cheias e os espectadores teatrais assíduos que acompanhavam a trajetória das companhias, apreciando montagens de conteúdo menos comercial. Atualmente o público está refratário por diversos fatores, seja pela falta de estímulo, pois muitas divulgações acabam se perdendo diante da vasta lista de opções oferecidas na internet, como também pelo fato determinada da segurança, onde as alternativas mais acessíveis de lazer acabam sendo as oferecidas pela internet, como séries e filmes. O público que ainda frequenta com assiduidade o teatro, além da classe artística, acaba preferindo espetáculos leves, comerciais ou com elenco conhecido por trabalhos no cinema e na televisão.

Assim percebe-se que, embora os espetáculos independentes ou produzidos a partir de leis de incentivo à cultura (não foi levantado dados sobre quais foram produzidos independentes ou com aporte financeiro) tenha crescido, o público por outro lado tem diminuído. Nesta perspectiva, é possível traçar um paralelo entre a civilização do espetáculo de Llosa e da sociedade do espetáculo de Debord com as produções teatrais e para com o público espectador da atualidade.

Considerações finais

Através desta breve reflexão, é possível observar que a produção cultural das artes cênicas mudou e, junto com ela, o espectador de teatro. Se, por um lado,

percebemos que na civilização do espetáculo a cultura deixou de ser elitista e restrita para se tornar acessível às massas, ao mesmo tempo ela se transforma. Como explana Llosa (2017) no capítulo *Metamorfose da Palavra*, a democratização da cultura empobreceu seu conceito, tornando-a superficial, com a simples intenção de proporcionar entretenimento, diversão e prazer.

Porém a cultura abrange muito mais que isso. Como destaca Llosa (2017, p.23) “numerosos trabalhos nos últimos anos procuraram definir as características distintivas da cultura de nosso tempo no contexto da globalização, da mundialização do capitalismo e dos mercados, bem como da extraordinária revolução tecnológica”. Percebe-se então, que as opções de lazer oferecidas atualmente acabam competindo com as atividades culturais que necessitam a presença física, como o teatro. O universo digital apresenta-se como vício da contemporaneidade e está presente na vida diária do sujeito contemporâneo. O meio digital alterou e segue alterando, os fundamentos da percepção do espectador, de forma que já não se consegue ver algo com a mesma velocidade de anos atrás, se não houver alteração de tantos em tantos segundos. Assim, percebe-se que o perfil do espectador contemporâneo sofre influência da avassaladora era digital, das mídias, dos jogos eletrônicos, da teledramaturgia e até mesmo do cinema, produtos estes oriundos da sociedade do espetáculo de Debord e da civilização do espetáculo de Llosa.

Temos na sociedade pós-moderna a cultura das massas servindo como entretenimento, contudo, é necessário perceber que seu intuito complexo e transformador vem sendo deixado de lado principalmente pelos intelectuais, ou como na área das artes cênicas, da classe teatral. Se o que lota as plateias dos teatros gaúchos são os espetáculos ditos comerciais, a contracorrente das peças que desconfortam e levam o espectador a refletir sobre temas complexos tendem a diminuir cada vez mais.

Desta forma percebe-se que o encontro entre ator e público vem perdendo força enquanto produto de transformação, diante de uma sociedade que prioriza os aspectos da civilização do espetáculo, ou seja, vale mais a alimentação de suas contas nas redes sociais do que a troca de conhecimento que se dá no teatro, por exemplo, e que só é possível vivenciar em tempo real, no momento em que o ator contracenava com o público e a triangulação do estado da arte acontece, oportunizando a troca de experiência do laço social tão louvável outrora.

Referências

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. 13. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.